

Tróia – Sagres 2021

By Aires Pereira



Em primeiro lugar, é preciso referir que o ciclismo de estrada não é a minha “praia”! Eu sou mais BTT, campo, passarinhos... enfim já estão a perceber a coisa! No entanto acontece que após o verão concretizei um sonho já de alguns anos e adquiri uma BTT elétrica o que desde logo colocava a minha “bicla” convencional numa “prateleira”. Ora como o inverno (nomeadamente a altura mais chuvosa) é madrasta para o BTT pensei e concretizei a troca da minha fiel companheira de BTT por uma “fininha” de estrada. É claro que inconscientemente já estava a pensar no Tróia – Sagres, prova (prova!? – não! evento...) que sempre me fascinou e que sempre julguei fora das minhas possibilidades. Só de pensar em fazer

200 km de bicicleta já me ficavam a doer as pernas. E de tal modo me fascinava que já tinha servido de carro vassoura a uns companheiros que a fizeram aqui há dois anos a esta parte. Essa experiência ficou a moer cá dentro e com a minha subida de forma foi-se formando a ideia de tentar ver o que conseguiria fazer neste evento. É certo que o poderia fazer em qualquer altura, mas a concentração de companheiros nesta ocasião é um chamariz. Com a decisão tomada começavam os preparativos e os planeamentos. Track no GPS, “bicla” afinada, equipamento para o eventual frio, etc, etc, etc. Foi assim que no dia 11 pela fresquinha me fiz à estrada com o apoio da minha mulher que me deixou no cruzamento da Comporta (13 km à frente do ponto de partida – o ferry) às 7h30. Os 13 km a menos não fizeram qualquer diferença no meu objetivo, já que não sou fundamentalista e o verdadeiro propósito era saber se conseguia fazer o caminho todo... fosse ele 200 ou 190 km!



Os primeiros quilómetros foram perfeitos. Sem frio, sem calor, sem vento... até parecia um filme! Permitiu-me perceber o andamento que iria tentar manter, velocidade em que me sentia confortável e até perceber em que mudanças deveria apostar para prevenir subidas, descidas e surpresas. Convém dizer que a primeira parte do percurso é bastante acessível. A única subida, digna desse nome é em Santiago do Cacém, sendo igualmente a maior subida do percurso, mas não a mais difícil! Portanto, sem grande história, atingiu-se a meta dos 50 km em Santiago (ou lá perto). Pelo caminho fui também experimentado a alimentação que tinha preparado. Umas barras proteicas para a fome e uma bebida especial para as cãibras (que depois percebi era mais do que isso). Enquanto que as barras eram bem apetitosas, o líquido nem por isso, mas como era para “bem da nação” ingeri-o com a periodicidade planeada, ou seja, uma garrafa (1/2 litro) para os primeiros 100 km. À saída de Santiago começa a diversão. A primeira descida, também ela digna desse nome, com umas curvas e contracurvas muito interessantes e que deu um gozo bestial. Mas, não sei porquê... acabaram-se muito depressa e lá voltamos ao mesmo... pedalar!



Tal como os primeiros 50 km, também os segundos, até Vila Nova de Milfontes não tiveram história. Como referi o percurso até Vila Nova é bastante acessível e demorei menos uma hora do que tinha planeado. Pelas 11h30 estava em Vila Nova de Milfontes para o reabastecimento. Ora cumpre aqui referir que o meu objetivo primordial (fazer os primeiros 100 km) estava cumprido. Isto porque eu julgava que eu me sentiria muito pior quando ali chegasse. O que é certo é que me senti como se tivesse acabado de fazer 30 ou 40 quilómetros e não 100! Foi fantástica a sensação e informei a minha mulher que efetivamente iria continuar. Assim sendo, abasteci de água, tirei umas fotos e fiz-me à estrada. Perdi nesta entrada em V.N. Milfontes cerca de 20 minutos. Mas não estava tudo. Eu queria almoçar... quer dizer... comer qualquer coisa que se parecesse vagamente com um almoço. E foi isso mesmo que encontrei, já depois da passagem da ponte de V.N. Milfontes, numa tasca à beira da estrada. Acabei por parar e pedir um hamburger com batatas fritas. Aquilo estava muito mau, mas a esplanada e as pernas em cima da cadeira para

repousar os músculos compensaram bem o terrível alimento. Com isto perdi mais meia hora, o que completava quase uma hora e que eu não sabia (mas adivinhava) me ia fazer muita falta mais para o fim do dia.

A fase que se seguiu foi das mais difíceis de todo o evento. O “homem da marreta” abateu-se sobre mim pouco depois de ter saído do almoço e os 25 quilómetros de retas intermináveis (ligeiramente a subir) que se seguiram desanimaram-me valentemente. Mas nunca me passou pela cabeça desistir. O meu objetivo era a Fortaleza de Sagres. Com este pensamento e depois de uma paragem “técnica” passei à terceira fase... a do automatismo. A partir dessa altura tudo cessou. Aos 125 km deixaram de me doer as pernas, o rabo... tudo! O corpo humano é fantástico! Até Odeceixe as subidas, se bem que nunca sejam fáceis também não me ficaram na memória. A que realmente me ficou na memória foi Odeceixe! Diabo de subida... com uma inclinação levada da breca parecia que as pernas não queriam obedecer. Fazia força, mas a bicicleta não andava... e nunca mais acabava! De facto, é capaz de ser, em extensão das subidas mais curtas, mas foi, sem sombra para dúvida a mais difícil de transpor! Seguiu-se uma paragem para um cafezinho em Rogil que me soube mesmo bem. Foi o único café do dia e mereceu a paragem. Após isso seguiu-se a mais divertida descida do dia. A descida para Aljezur é brutal. Muito rápida, curvas perfeitas e um alcatrão sem falhas. Lindo! Mais uns quilómetros e estava pronto para a derradeira subida.



Como disse anteriormente o corpo passou a trabalhar autonomamente. Já não sentia dores e estava bem... era só pedalar. Sabia que havia mais uma subida e pelos meus cálculos (tinha decorado o quilómetro a que as subidas começavam) estava quase lá. E quase lá significava que a Carrapateira também se aproximava. Mas os meus cálculos estavam erradíssimos. E porquê? Porque me esqueci de retirar os tais 13 quilómetros que levava de avanço! Assim,



quando cheguei à povoação... pensei cá para mim: “yessss... acabaram as subidas”!!! Tirei a foto todo contente (até coloquei no Facebook a dizer que as subidas tinham acabado) e de repente... toma lá para fazeres os cálculos como deve ser. A famosa subida da Carrapateira... que é depois da Carrapateira!!! “Damm”! Se esta subida estivesse corretamente “colocada” no percurso nem seria de grande referência, se bem que já vamos bastante cansados, mas o fator psicológico de não estar à espera de mais subidas e de repente perceber que me enganara... foi devastador. Acabou por ser o segundo ponto mais crítico do percurso, mas só por causa do fator psicológico (para a próxima já não me engana!). O mais

grave acabou por ser o facto de eu me ter esquecido (o único esquecimento...) de suporte para a luz frontal. Ora esta derradeira subida veio dificultar-me os planos porque percebi então que já não conseguiria chegar a Sagres de dia. E isso enervou-me porque sabia também que não tinha o suporte. Enquanto subia lá fui pensando no que fazer e acabei por colocar a luz nas presilhas do capacete, mas sempre com medo que caísse, para além do facto de que assim não iluminava quase nada. Mas era o que havia e os últimos 15 quilómetros do percurso, pouco depois de Vila do Bispo já estava escuro como breu e eu ia “aos apalhões”! Ainda enfiei a roda da frente em dois ou três buracos e pensei que tinha rebentado o pneu, mas felizmente nada disso aconteceu. Por último, a cereja no topo do bolo foi quando entrei no empedrado do parque da Fortaleza de Sagres... aí é que o meu “sim senhor” deu de si, a lanterna caía a cada dois metros... enfim, o rabo é sempre a parte mais difícil de esfolar!

Mas cheguei! Cansado, mas muito contente por ter conseguido alcançar o meu objetivo e ter superado as minhas expectativas. Foram 191 quilómetros em 9 horas com 1550 de acumulado.

Por último, quem diz que qualquer um conseguia fazer aquilo... esqueçam! Não é qualquer um... é quem tenha uma grande capacidade de sacrifício ou então seja mesmo um atleta!

